

O DESPERTAR da KUNDALINI

GOPI KRISHNA



Pensamento

Gopi Krishna

O Despertar da Kundalini

Título do original:

The Awakening of Kundalini

Copyright @ 1975 by Gopi Krishna

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 - 04270-000 - São Paulo, SP

Fone: 6166-9000 - Fax: 6166-9008

E-mail: pensamento@cultrix.com.br

<http://www.pensamento-cultrix.com.br>

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

O DESPERTAR DA KUNDALINI

Gopi Krishna

Segundo a filosofia esotérica — e o autor deste livro o confirma — existe em toda a matéria uma grande força magnética, que nos livros hindus é chamada de “serpente ígnea” ou Kundalini. Especificamente no ser humano, ela estabelece laços entre os corpos físicos e astrais e entre os corpos astrais e mentais e, à medida que a evolução prossegue, esses laços são vivificados pela vontade, que libera e guia essa energia, embora de maneira meio desordenada. Por isso, o correto despertar da atividade da Kundalini deve ser precedido de um período de treinamento, visando à purificação dos veículos.

Neste livro, o autor expõe, em linguagem simples, as experiências por que passou em seu treinamento e que, a seu ver, poderão ser úteis a outros principiantes, mormente se estes recorrerem sensatamente à assistência de autênticos expertos no assunto.

Por isso, *O despertar da Kundalini* torna-se um livro extraordinário, pois o autor se baseia em sua própria experiência de iluminação — meta suprema de toda disciplina espiritual, inclusive da meditação. É um livro para todos os que desejam conhecer a meditação e a loga, assim como as energias que elas podem colocar em movimento.

As revelações de Gopi Krishna sobre a Kundalini fornecem, pela primeira vez, uma ponte entre a ciência e a religião.

EDITORA PENSAMENTO

SUMÁRIO

Introdução

I — O que todos deveriam saber sobre percepção superior

II — A antiga concepção da Kundalini

Uma nova dimensão da matéria e da consciência

O que está por baixo da presente sublevação social?

A beatitude de Ananda

Kundalini: a alavanca biológica

Tomando um ponto de vista planetário

Um impulso que leva à compreensão

A lição do almiscareiro

Explicar o inexplicável

Se Freud tivesse lançado um olhar para o transcendental

Adotando a bioenergia como hipótese funcional

Linhas mestras para a investigação clínica

Precisam-se: mentes talentosas para desenvolver o mundo

III — A meditação é sempre benéfica? Opiniões favoráveis e desfavoráveis

Biofeedback e experiência mística

Consciência mística versus estados induzidos por drogas

Truques usados na meditação e a verdadeira iluminação

O cultivo de uma atenção continuada leva à ioga

IV — O objetivo da meditação

V — O verdadeiro objetivo da ioga

VI — Perigos da percepção parcial: comentários sobre a autobiografia de Alan Watts

VII — Uma entrevista com Gopi Krishna sobre experiência mística, drogas e o processo da evolução

INTRODUÇÃO

Em *O Despertar da Kundalini*, o autor escreve a partir de sua experiência própria e direta de iluminação, a meta suprema de toda a disciplina espiritual, inclusive da meditação. Este é um livro para todos os que desejem conhecer os fatos básicos sobre a meditação e as energias que ele põe em movimento.

Gopi Krishna veio ao mundo numa pequena aldeia de Gairoo, em Cachemira, o estado mais setentrional da Índia. Ali, onde o fabuloso vale de Cachemira e seus jardins mongóis aninham-se nas alturas do Himalaia, o autor viveu a maior parte de seus setenta e dois anos de vida. Foram anos difíceis, desde o princípio. Não podendo continuar seus estudos além do ginásio, ingressou no serviço público como modesto funcionário e, ali, ficou até sua aposentadoria.

Há alguns anos, fundou o Instituto de Pesquisas para Kundalini, em Nishat, nas imediações da capital, Srinagar, onde reside, e agora devota todo o seu tempo à pesquisa. O governo da Índia também está dando início a um projeto de pesquisa sobre a Kundalini, na tentativa de verificar o que alegavam os antigos adeptos.

Nessas investigações, Gopi Krishna descobriu que, durante os últimos tempos, houve muito poucos casos de pessoas nas quais a serpente de fogo ardesse incessantemente desde o dia do despertar até o último, trazendo consigo as transformações mentais que os antigos sábios da Índia conheceram. Gopi Krishna despertou a serpente em si próprio em dezembro de 1937, quando tinha trinta e quatro anos de idade, após dezessete anos de meditação quase diária. Concentrava-se com frequência num ponto acima das sobrancelhas, durante três horas, aproximadamente, cada manhã, antes de sair para a sua repartição. Certa manhã aconteceu o seguinte fato, que ele assim descreve:

"Subitamente, com um fragor como o de uma catarata, senti uma torrente de ouro líquido entrando em meu cérebro através da espinha dorsal. A iluminação foi crescendo; cada vez mais brilhante, o fragor cada vez mais alto... Eu me tornei um vasto círculo de percepção, no qual o corpo não passava de um ponto, banhado numa luz e num estado de exaltação e felicidade impossíveis de descrever."

Essa experiência, cuja duração ele não poderia calcular, marcou o início de uma transformação total na sua consciência, que desde então se tornou um aspecto permanente de seu ser.

Em consequência disto, e por causa da pesquisa documental realizada durante muitos anos, é que ele, agora, dedica-se a escrever sobre o assunto e enuncia uma doutrina que, a não ser por algumas sugestões veladas de misteriosos documentos esotéricos antigos, está sendo apresentada pela primeira vez sob a forma de teoria, cujo campo é praticável, cobrindo todos os fenômenos psíquicos e espirituais.

Por aquilo que tem sentido e continua a sentir sempre que resolve dirigir sua atenção para o interior de si mesmo, Gopi Krishna chegou à conclusão de que o universo que vemos é apenas uma das facetas de uma criação que está oculta à nossa visão. Em outra dimensão de conhecimento, outras facetas surgem à vista, e são de tal forma surpreendentes e transcendentais, que aquilo que podemos observar com o nosso conhecimento normal fica reduzido a insignificâncias. É por esse motivo que a experiência mística sempre foi indescritível. A expressão "Neti, neti" significa: "Não é isso, nem é aquilo; é simplesmente indescritível!" O que se experimenta no estado de Percepção Cósmica não pode ser descrito porque provém, em sua totalidade, de outra dimensão.

Embora isso seja verdade, Gopi Krishna recebe constantes pedidos para que descreva suas experiências nessa outra dimensão, e tem tentado fazer isso em vários trabalhos já publicados ou em vias de publicação, particularmente em *The Riddle of Consciousness (O mistério da consciência)*.

Não muito depois do despertar inicial da força da Kundalini, naquela manhã de dezembro, ele escreveu que então se sentira como uma criancinha que se aventurasse a sair de casa pela primeira vez e se encontrasse à beira de um oceano encapelado, completamente perdido entre os dois mundos nos quais vivia — "o incompreensível e infinitamente maravilhoso universo interior, e o colossal mas conhecido mundo exterior". E continua a dizer, em sua autobiografia, *Kundalini, a Energia Evolutiva do Homem*:

"Quando olho para dentro, sou erguido para além dos confins do tempo e do espaço, em sintonia com a existência majestosa, toda-consciente, que zomba do medo e ri da morte, comparada com a qual mares e montanhas, sóis e planetas não parecem nada mais do que nuvens ligeiras e transparentes percorrendo um céu fulgurante; uma existência que está em tudo, e ainda assim absolutamente afastada de tudo, uma infinita e inefável maravilha que só pode ser sentida e não descrita.

Como resultado de uma radiante espécie de energia vital, diariamente observada mas ainda incompreensível, desenvolveu-se em mim um novo canal de comunicação, um sentido superior, através

caracterizou o Projeto Manhattan dos anos 40 e do qual resultou a bomba atômica, a ponte fisiológica que conduz à percepção superior.

Ele não é um guru, nem quer ter seguidores. Não tem a ilusão nem o orgulho de pensar que a sabedoria da terra está concentrada nele. Porque sabe muito bem que, depois de investigar e estudar durante anos, o homem terá apenas bebido algumas gotas do Oceano Infinito que alimenta o universo. Gopi Krishna ajudará, de todo o coração, a tornar conhecida qualquer gema da verdade, onde quer que ela possa ser encontrada, mas é preciso que se trate de uma verdade universal que venha a ajudar toda a humanidade.

O caminho único para a sobrevivência da raça será uma revolução psicológica que estabeleça a primazia do espírito sobre a carne, de forma a atender às exigências da moderna ciência e a satisfazer o intelecto dos dias presentes. Seria a verificação empírica de uma lei psicossomática que está agindo por trás de todos os fenômenos supranormais e espirituais testemunhados pela história. Ele acredita — conforme escreveu há algum tempo — que isso acontecerá num futuro bem próximo:

In but a decade, at the utmost two,
The world of Science shall have found the clue
To that mysterious chamber of the brain,
Which healthy meditation tends to train,
To flood with radiant psychic energy,
Drawn from the ambrosial reproductive tree,
And then, illumined by a wondrous light,
It brings the hidden world of Life in sight.*

Gene Kieffer

24 de novembro de 1974

* [Em nada mais do que uma década, quando muito duas,
O mundo da ciência encontrará a chave
Dessa misteriosa câmara do cérebro,
Que a saudável meditação tende a treinar,
A inundar-se com a radiante energia psíquica,
Retirada da ambrosíaca árvore da reprodução.
E então, iluminado por luz estupenda,
Ele exortará à vista o mundo oculto da Vida.]

O QUE TODOS DEVERIAM SABER SOBRE PERCEPÇÃO SUPERIOR

É difícil, frequentemente, convencer alguém sobre o erro existente em seu pensamento. Se isso fosse fácil, não existiriam tantos pontos de vista diferentes, cada um deles convencido de sua própria autenticidade justificada pela argumentação. Não haveria tantas escolas de filosofia ou essa variedade de ideologias políticas.

É comum vermos pessoas defendendo suas opiniões e crenças, mesmo quando palpavelmente absurdas e insustentáveis. A mente que exhibe tais opiniões insustentáveis está, porém, tão dominada ou deformada que, por mais que tentemos, não é possível desviá-la de seu ponto. Por isso é que vemos tão vasta diversidade de opiniões na questão da percepção superior em centenas de livros, cada qual representando um ponto de vista diferente.

Assim, é fácil imaginar a tarefa gigantesca de alguém que resolva provar que é possível, para o indivíduo, exceder os limites da percepção humana. Porque, neste plano da realidade, a mente observadora e o mundo objetivo assumem um relacionamento diferente, não como sujeito e tema, mas como dois aspectos de uma realidade subjacente.

Há uma dificuldade óbvia na apresentação de uma ideia inteiramente nova e para além da compreensão da mente comum. Esse conceito está tão distante da nossa experiência normal, que é extremamente difícil para alguém aceitá-la prontamente sem se deixar tomar por dúvidas e incertezas.

É por causa dessa dificuldade e desse comportamento da mente que um dos mais persistentes fenômenos da história, que resulta em mudanças cataclísmicas no pensamento humano, ainda permanece um mistério. Quando muito, trata-se de um assunto controverso entre intelectuais de destaque, e suas implicações para o futuro da humanidade foram completamente obscurecidas.

Eu me refiro ao aparecimento, no palco da história, de grandes místicos, videntes, profetas. Cristo e Buda inclusive.

A sublevação que eles causaram no pensamento e na vida da humanidade, mesmo com seus ataques de um domínio

superior da criação, com seu próprio exemplo, com sua exortação quanto a uma vida mais nobre — está entrelaçada com o tecido inteiro da história.

Podemos acaso atribuir toda a fermentação que causaram, e a fé de milhões que eles vêm dirigindo por centenas de anos, apenas a um acontecimento ocasional ou a uma ilusão das multidões? Se não podemos, jamais conseguiremos nos aproximar da compreensão do mistério que está por trás de seus nascimentos e de suas carreiras? Que força os arrastou a atos prodigiosos de renúncia e martírio? Que poder articulou as frases inspiradas que deveriam tornar-se palavras familiares e comover os corações, ainda mesmo hoje? Que poder magnético lhes permitiu ganhar tal poder sobre seus discípulos e seguidores, para que seus nomes estejam vivos no coração de incontáveis seres humanos? Apesar dessa grande distância, esses profetas fazem pequenos os eminentes pensadores e intelectuais surgidos depois deles.

O mundo foi tão desviado pelas descrições errôneas da percepção superior apresentada nos tempos modernos que excluiu completamente o fato de que os mais notáveis exemplos de percepção transumana — os grandes místicos e fundadores de religiões —, tanto em sua estatura mental e modo de vida, evidenciaram certas características extraordinárias que se situam absolutamente além do terreno dos estados alterados da consciência, induzidos por drogas, *biofeedback*, hipnose ou técnicas de meditação autossugestivas.

Todos esses métodos produzem apenas homens e mulheres comuns. Alguns podem ser sujeitos a experiências visionárias, intuições clarividentes, ou mesmo relances criativos, mas, assim mesmo, comuns. Nenhum deles é sequer remotamente comparável a essas notáveis figuras do passado.

Muitos indivíduos afirmam, hoje, ter alcançado o mais alto estado de percepção, mas precisaríamos de páginas para fazer o rol de seus nomes. Podemos começar com escritores conhecidos, como Ram Dass (ele afirmou, com frequência, ter alcançado *Samadhi*, tanto com drogas como sem elas) e John Lilly, que diz o mesmo na introdução do seu livro, *Center of the Cyclone*. Há muitos místicos, mestres, gurus, e santos, que fazem ouvir sua voz na Índia, no Tibete, no Oriente Médio e em outros lugares, todos afirmando achar-se em estado de Superconsciência ou de Consciência Cósmica. Todos eles recomendam técnicas diferentes, mas nenhum discute os aspectos biológicos do processo evolutivo.

A validade dos fenômenos psíquicos é amplamente admitida mesmo por alguns cientistas embora ninguém seja

Se isso for aceito, segue-se então que, seja qual for a natureza da intervenção, as ideias e o comportamento dos indivíduos podem retardar ou acelerar essa tendência. Para o refinamento do comportamento e do pensamento humano, deve haver também o refinamento correspondente do cérebro e do sistema nervoso. Mas, desde que somos inteiramente inconscientes dos processos através dos quais o cérebro funciona — e da natureza da energia usada nessa atividade —, é ocioso esperar que possamos compreender esses processos.

Um pouco, porém, sabemos com certeza: os luminares religiosos da humanidade incluíram em suas fileiras homens e mulheres do mais elevado caráter jamais nascido. Uma moral de alto calibre caminha ao lado de estados de consciência elevados. O instrumento psicossomático para realizar essa transformação da consciência e o enobrecimento do caráter é a Kundalini. No futuro, portanto, os produtos voluntariamente criados da Kundalini serão não só prodígios mentais*

* Nota do digitalizador: está assim no livro. Não há continuidade e nem ponto final. Outro erro de impressão.

Há tal abismo de diferença entre os místicos conhecidos pela história e os espécimes produzidos por esses métodos que não se faz necessário qualquer esforço especial para distinguir entre os dois. A evidência fornecida por esses assuntos sujeitos a investigação — espetáculos psíquicos, hipnoses, drogas que alteram a mente, exercícios de respiração e outras formas de loga - por mais comuns que possam ser, tenderiam a fornecer material que capacitasse os homens de ciência a apresentar seus pontos de vista sobre esse domínio ainda inexplicado. Mas, desde que sabemos que, através de todo o curso da história, os místicos têm sido reconhecidos como pessoas dotadas de todos esses poderes e faculdades que os cientistas agora investigam, isto é, como poderes psíquicos, incluindo telecinésia, clarividência, precognição, cura, estados alterados de consciência, condições de transe com diminuição da respiração e da pulsação, e outras coisas desse tipo, por que a experiência mística não deveria formar a raiz principal da pesquisa, passando as outras a ocupar um lugar subsidiário?

Com a expansão da pesquisa, que agora se estende por mais de noventa anos, quanto aos fenômenos psi, chegamos mais próximo do entendimento da força responsável por eles? Acaso algum curador psíquico, algum evocador de espíritos, algum médium físico, algum clarividente, algum perito no controle da respiração, algum iogue etc., foi capaz de especificar que força está agindo nele? Não costumam eles atribuir geralmente seus dons e proezas extraordinários a um

controle (como o demônio de Sócrates), à concentração da mente, à Pranaiaama, ao favor de um guru, à graça divina e a outras coisas assim? Pela franca declaração feita por pessoas de todas essas categorias durante as várias décadas passadas, é obvio que nenhuma delas foi capaz de fornecer uma explicação racional e convincente para seus feitos, ou demonstrar apurado conhecimento do poder que nelas trabalha. Esse estudo — do qual temos numerosas narrativas e confissões pessoais que cobrem muitas décadas — não é o bastante para convencer os sábios investigadores de que devem procurar a explicação em outro lugar, e não trabalhar num sulco já feito na exploração de um mistério que intrigou todos os grandes intelectos do passado, por todo um período histórico? Como podem os sujeitos desses fenômenos extraordinários, eles próprios mistificados pelo fato, esclarecer os homens de ciência que investigam suas surpreendentes ou fantásticas demonstrações?

Uma Nova Dimensão da Matéria e da Consciência

Estou interessado no assunto por várias razões. É mais do que tempo, agora, para que os cientistas aceitem a existência da bioenergia (prana), a força inteligente que está por trás de todas as ações e reações químicas de um organismo biológico. Tratamos aqui com uma nova dimensão da matéria e da consciência. Os experimentos feitos na Rússia, e em outros lugares, para localizar a bioenergia (aparentemente a energia cósmica orgone, de Reich) ainda se encontram num estágio muito rudimentar, mas, como sempre aconteceu na esfera do conhecimento, se a ideia está apoiada em bases sólidas, os experimentos terão sucesso e o esquivo agente um dia será localizado.

O que eu sugiro é que a investigação da Kundalini oferece uma forma das mais práticas de estudar a ação da bioenergia nos processos de transformação postos em movimento em alguém no qual a Serpente do Poder foi despertada. Temos numerosos exemplos históricos que mostram que a conversão e a transformação da consciência são possíveis sob certas circunstâncias. Mas, como acontece isso? Quais são os fatores biológicos responsáveis por esse fato? Presentemente não temos meios de saber. Os livros sobre loga — hindus, chineses ou tibetanos — atribuem isso ao controle da mente, à respiração, à energia reprodutora. Verifiquei isso amplamente em mim próprio, e outros também fizeram o mesmo. Onde está, pois, a dificuldade de fazer dessa antiga tradição — que há centenas de anos existe tanto no Oriente como no Ocidente -

objeto de estudo de alguns sábios para averiguar a sua validade? Como podem cientistas de mente aberta rejeitar uma possibilidade que foi aceita por inúmeros povos do passado, incluindo eminentes filósofos e místicos, e fazer um julgamento sem mover um dedo sequer para averiguarem os fatos?

Minha humilde contribuição para essa antiga tradição (não uma hipótese especulativa, mas o resultado direto de minha própria experiência) é a de que esse reservatório adormecido de bioenergia não é responsável apenas pela experiência mística e pelo ainda desconcertante fenômeno psi, mas é também o até agora não localizado e ainda discutido mecanismo da evolução em seres humanos, bem como a nascente dos gênios e do extraordinário talento. Que há nessa, digamos, suposição, para causar reações de incredulidade e ceticismo vindas da ciência mentalmente imparcial? A única razão é que essa ideia está tão afastada do pensamento atual de um cientista padrão a ponto de se fazer inaceitável. Vindo de um cientista, ela teria valor. Isso, porém, não significa que o que estou afirmando, sem ser cientista, não tenha os germes de uma descoberta científica ainda insuspeitada.

Tomemos como exemplo os estudos dos fenômenos do sono. Há apenas duas décadas, algumas das impressionantes descobertas agora feitas não só eram desconhecidas, mas nem sequer poderiam ser imaginadas. Mesmo com todas as pesquisas feitas até agora, o mistério da fase REM, peculiar aos mamíferos, continua insolúvel. Deve haver alguma sólida razão por trás disso. Nós ainda estamos na beira do mistério da vida, e nada pode ser mais prejudicial para o estudo da mente e da consciência, ou percepção, do que a atitude de portas cerradas às novas ideias e opiniões, que podem parecer não estritamente científicas por um momento, ou podem não se revestir da linguagem da ciência. Tem sido observado que a privação do sono REM, por um período de vários dias sucessivos, tem um efeito tremendo não só nas pessoas, mas também nos animais. Eles tornam-se anormais e comportam-se de forma estranha. Nos seres humanos ocorre falta de atenção e esquiva ao trabalho. Um homem de caráter firme pode tornar-se irresponsável e loquaz, comportando-se de uma forma que jamais assumiria em seu estado normal. Estou muito interessado no assunto porque, tal como a privação do sono REM cria certas condições anormais na mente, da mesma forma a privação de um ambiente saudável, num estado avançado da evolução humana, cria tendências anormais na mente humana, impossíveis de remediar, a não ser que o ambiente mude.

erudito ou algum grupo de cientistas é da opinião de que qualquer mestre espiritual pode esclarecer essa posição da noite para o dia, esse indivíduo, ou esse grupo, jamais verão realizado o seu sonho. O mesmo esforço e dedicação que levam à descoberta das leis físicas da natureza são necessários, também, para desvendar os mistérios do espírito. Pode bem ser que o esforço e a dedicação para esse último trabalho devam ser ainda maiores, pois essa busca é primordial para o homem. Todas as outras investigações e todos os recursos desenvolvidos pela ciência são auxiliares, comparados com aquela. Sei que se trata de uma investigação colossal que talvez nunca chegue a um fim, pois cobrirá não só experiências religiosas e fenômenos psi, mas insanidade, neurose, gênio, e outras manifestações anormais ou extraordinárias da mente humana. Mesmo depois de dezenas de anos de incessantes experimentos, os enigmas existentes que desafiam a ciência ainda ficam sem resolução. É essa a posição relativa a problemas comuns e a acontecimentos que estão sempre presentes diante de nós, ou que se repetem continuamente, e que deveria ser o estado de investigação de misteriosos fenômenos que, não só se mostram raros e esquivos, como não tem, no momento, uma base física visível em que possamos enquadrá-los. Sou a última pessoa a desejar ser conhecido como um trabalhador miraculoso ou um adepto. Sou apenas um humilde ser humano, com muitas fraquezas e falhas, que — chamem a isso sorte ou providência divina — esbarrou num segredo que deseja partilhar com outros seres humanos. Não tenho a pretensão de possuir conhecimentos ou alguma alta distinção em qualquer ramo da arte ou da ciência. Vinda de um distinto cientista ou de um erudito, e apoiada em linguagem científica, com alguns salpicos de erudição, a mesma ideia poderia encontrar resposta instantânea, e mesmo aceitação, não pelos seus próprios méritos, mas por se associar a um nome de alta ressonância, ou usar um padrão familiar de linguagem. Faltando-lhe ambas as coisas, essa revelação, que, prevejo, formará o estudo mais importante e mais altamente reverenciado da nossa progênie, ainda está envolvida em esquecimento porque não dispõe de uma autoridade eminente que a proclame em voz alta.

A pergunta que me podem razoavelmente fazer deve referir-se à evidência empírica que posso apresentar em apoio do que afirmo. É possível demonstrar a existência da usina de força psicossomática da Kundalini para satisfazer um empirista? Minha resposta a essa pergunta, feita repetidamente, é afirmativa. Pode inferir-se, prontamente, que, se eu tivesse qualquer dúvida a respeito disso não iria apresentar

declarações positivas, mas tentaria esquivar-me e tergiversar. Por que me envolveria em controvérsia com eruditos e cientistas, em vez de me dirigir diretamente à multidão com uma história fascinante, ou mesmo muitas histórias, já que, para tanto, há material mais do que suficiente em minha experiência no plano da percepção superior e na esfera das minhas atividades no campo social, e, indiretamente, no campo político. Com um gasto mínimo de energia, eu poderia mandar meia dúzia de volumes excitantes para o mercado, apoiados em evidência impecável, para mostrar que não estou romanceando. Sei muito bem que não me serão feitas perguntas e, no clima que agora predomina na Europa e na América, eu poderia até recorrer à minha imaginação para compor histórias ainda mais impressionantes e animadoras, a fim de absorver os leitores. Sei que poderia ganhar, ao mesmo tempo, nome, fortuna, popularidade, e sei que seria muito mais procurado do que sou agora. Poderia fazer isso tudo, mas não o farei, por causa da rígida resolução que tomei — nascida de impulso espontâneo da minha rara experiência — de tornar esse poderoso segredo da natureza conhecido pelo mundo de modo a ser aceito como verdade universal, com apoio empírico, e se torne propriedade comum da humanidade toda, livre de fatores de personalidade, de cismas, de sectarismo, como todas as outras descobertas e realizações da ciência.

O principal fator de motivação para esse quadro mental é o atual estado de desespero do mundo. A entrada nas dimensões superiores da consciência dá à mente uma acuidade de percepção para o futuro. O que ela percebe é um quadro tão alarmante que eu desejo, de todo o coração, que a humanidade possa ser salva de tal horror por algum ato de graça. O mundo está com uma terrível necessidade de uma rápida abertura de caminho para a ciência do espírito. E o fenômeno da Kundalini, quando verificado, parece-me ser a única resposta para a ruptura e o dilema presentes. A revelação quando empiricamente estabelecida, salvaria milhões de seres humanos dos desastres e ruínas, dos enganos, fraudes, explorações, e beneficiaria incontáveis milhões mais a se decidirem por uma forma segura e saudável de saciar sua sede ardente do oculto e do divino.

Se Freud Tivesse Lançado um Olhar Para o Transcendental...

Um só psicólogo ou biólogo distinto, ou mesmo um grande médico ou cirurgião, abençoado com a mesma experiência que eu tive ou que conviesse em partilhar o que

dizem os grandes místicos do passado, poderia contribuir para levar a uma revolução do pensamento, como fez Freud. Contudo, Freud deu ênfase excessiva, e mesmo errada, apenas ao aspecto da energia da vida, à que chamou libido. Esse impulso vital sexualizado é, em termos de psicologia freudiana, a pedra angular da vida humana. É o fundamento do caráter do homem, o alicerce rochoso de seus traços mentais, o guardião da vida da família, o manancial da poesia, do drama, do romance, da magnanimidade, o doador do gênio, a mola mestra do seu amor, da sua lealdade, do seu apego e devoção, o arquiteto da civilização, e, ao mesmo tempo, o demônio da sua inveja, ciúme, ódio e agressividade. Quando reprimida, desorientada ou frustrada, especialmente na infância, pode tomar a forma monstruosa de aberração mental, perversão, neurose e loucura. Talvez nenhum outro psicólogo tenha tido tão tremenda influência no pensamento da humanidade quanto Sigmund Freud. Eu não apresento a Kundalini, nos mesmos termos, sem os extremismos de Freud? Não é a Kundalini, também, a vida sexual em atividade? Chego mesmo a definir seu caráter somático. Onde está a diferença entre o que eu digo e o que é geralmente aceito por todos os psicólogos freudianos de hoje? O ponto principal da diferença é que para nós a libido ubíqua de Freud não é simplesmente o eros, porém muito mais, isto é, a fonte central da energia da vida, que tem ação tanto para a atividade de propagação como para a evolução. No momento em que isso for aceito, as angulosidades e os extremos da hipótese freudiana desaparecem. Os esforços frenéticos, mesmo mórbidos, feitos para interpretar tudo em termos de sexo, podem ser claramente atribuídos a um erro. Embora o efeito multifacetado do poderoso impulso sexual possa ser nitidamente observado em muitas esferas do pensamento e dos atos do homem, é evidente que outras influências também entram em movimento, como, por exemplo, a exigência de poder e de riqueza, o desejo de ter nome e fama, a sede de autoconhecimento, o atrativo exercido pelo sobrenatural e o oculto, e outras coisas assim, que modelaram profundamente a vida do homem.

Como a experiência mística e os conceitos de religião não se encaixavam em suas hipóteses, Freud dedicou-se, tranquilamente, à tarefa de desarraigar todo o edifício da religião e do sobrenatural. Eles nada mais eram do que estados patológicos da mente, uma regressão à infância, um narcisismo que se apoia sobre uma ilusão para contentar a si mesmo. Essas formulações, como se pode ver claramente, têm tido um efeito pernicioso no pensamento de uma grande porcentagem de

modernos psicólogos. Para muitos deles, é até difícil, agora, desembaraçarem-se das cadeias forjadas desde muito tempo para curvar sua mente, com firmeza, para a incredulidade e a dúvida. Tivesse Freud, como o Dr. R. M. Bucke, lançado ao menos um olhar para o transcendental, todas as suas normas de pensamento poderiam ter mudado e sua prodigiosa influência teria levado a um saudável revivescimento da ciência espiritual. Não está muito distante o dia em que a tendência transpessoal, já iniciada na psicologia e na psiquiatria, varrerá completamente a área profana dessa especulação. Não há respostas, em qualquer sistema de psicologia moderna, para o desafio lançado pela revolta das gerações que estão surgindo e para as inesperadas tendências do pensamento que encontramos nelas. O porquê da ocorrência dessa sublevação não é difícil de compreender. Todos sabem o que acontece quando um sistema político se torna despótico e opressivo, quando um sistema social se torna exigente e corrupto, quando um sistema religioso se torna excessivamente autoritário e dogmático. Isso provoca a necessidade de revisão e de reforma. Os revolucionários políticos, os reformadores e os profetas surgem em cena. O velho sistema é derrubado, muitas vezes com terrível derramamento de sangue, com sofrimento e dor, e um novo sistema é instalado em seu lugar. O mesmo pode acontecer às tendências arbitrárias e dogmáticas no que se refere ao conhecimento. Pode ser uma revolução, que já está tendo início e que não se deterá até que modificações radicais sejam feitas. "A tentativa de combinar a sabedoria com o poder", disse Albert Einstein, "raramente teve sucesso, é, ainda assim, por pouco tempo".

Mesmo uma criança pode ver que a tentativa de interpretar todas as manifestações anormais ou paranormais da mente humana, puramente em termos da psique, é uma forma de explicar os fenômenos que nada tem de científica. O canal de expressão da mente é o cérebro. O que quer que a natureza da mente expresse, vindo do menor organismo para o homem, há, invariavelmente, um órgão biológico para expressá-lo. Quando aceitamos como natural que uma mente humana normal funcione através de certa estrutura orgânica do cérebro, o que nos leva a supor que suas expressões anormais ou paranormais possam ocorrer sem lhe causar mudanças apreciáveis? Na verdade, tais mudanças não foram e não são, ainda agora, claramente discerníveis, mas isso deveria representar um incentivo para que se criassem mais instrumentos sensíveis e métodos mais eficazes de investigação, e não, como Freud, para usar especulações numa extensão fantástica a fim de explicar

os fenômenos. O que Freud fez, em seu tempo, alguns cientistas e psicólogos estão fazendo hoje em relação aos inexplicáveis fenômenos que estão em conexão com a religião e o oculto. Os neuróticos e psicóticos, com suas disposições mutáveis, com sua excentricidade, com seu comportamento desordenado, medos, ansiedades, ódios, violências, agressões, fases terrivelmente depressivas ou excitadas, perseguições, ilusões, obsessões e fixações têm, como um homem normal, uma personalidade que lhes é própria. Uma personalidade alienada e distorcida, sem dúvida, mas, apesar de tudo, uma personalidade. Cada caso de perturbação mental tem um caráter bem marcado que lhe é próprio, e, além da aparência do corpo, pode ser facilmente reconhecido pelas suas tendências mentais peculiares, tal como podemos reconhecer as pessoas normais pelas suas. Isso designa, definitivamente, uma estrutura neurônica ou uma composição basicamente alterada, e também alterações na bioenergia que dá suprimento ao cérebro.

Sou positivo a respeito disso porque conheci casos nos quais a neurose e a insanidade apareceram logo depois do despertar da Kundalini. Estou também em contato com casos nos quais o despertar levou a experiências assustadoras, que fragmentaram a mente. A libido, para usar o nome adotado por Freud, deve ter profundas raízes na estrutura bioquímica do corpo. O fato de que ela pode afetar o comportamento humano de forma drástica, e mesmo violentamente modificar todo o padrão de vida, é testemunho claro de sua influência na química do corpo. Sua expressão através do canal de evolução, isto é, do cérebro, está sujeita à influência de inúmeros fatores relacionados com a vida, o ambiente, a história da família e do indivíduo. Mesmo quando ligeiramente impregnada ou maculada, devido a fatores vários, como forma errada de viver, ambiente insalubre, hereditariedade defeituosa, choque, frustração, repressão, tensão, e numerosos outros fatores, ela se torna a causa direta da desordem nervosa ou mental. A ignorância dos cientistas sobre a natureza e a composição da bioenergia está na raiz de todos os cismas e da confusão predominante no terreno da psicologia. É incrível ver como os psicólogos, com uma prevenção somática em suas crenças, podem desassociar a consciência das condições do cérebro. Se a mente é anormal, o cérebro também deve ser um acionista nessa anormalidade expressa. De acordo com as últimas pesquisas, há uma confirmação na posição de que as horrendas visões e audições dos insanos têm sua raiz — em certos casos de perturbações — nas mudanças sutis em algumas estruturas

neuróticas do crânio. A verdadeira raiz é uma condição impura ou tóxica da bioenergia. A suscetibilidade à desordem mental, observada nos homens de gênio, e o cuidado extremo que tinham os iogues em cada pormenor da vida, segundo a antiga tradição das escrituras da Índia, nascem desse motivo. Quando pura, a bioenergia liberada pela Kundalini produz os transportes do êxtase e o fluxo do gênio; quando tóxica, produz os pesadelos da insanidade.

Adotando a Bioenergia Como Hipótese Funcional

Para mim, é divertido ver como cientistas, justamente orgulhosos do seu conhecimento, afastam sumariamente o que digo como irreal e mesmo absurdo. O que para mim é um mistério é o seguinte: em que terreno baseiam eles seu atual julgamento? O que digo viola qualquer princípio ou lei biológica? No presente estado do nosso conhecimento sobre o cérebro e o sistema nervoso, é odioso para um cientista admitir a existência de uma energia viva responsável pelo fenômeno da vida? Se não, que mal existe em aceitar o que digo como uma hipótese funcional para uma verificação empírica? A ideia, concordo, é inteiramente nova e está sendo apresentada pela primeira vez. Mas isso não é razão para assumir, antecipadamente, a opinião de que tal idéia não pode ser verdadeira. Se uma ideia nova, que tem certa possibilidade de ser plausível, é encarada com suspeitas e desconfianças desde o início por parte de homens de saber, então como pode o conhecimento crescer? "Nada sei, a não ser que nada sei", disse Sócrates, apesar de seu prodigioso conhecimento, comparado com os padrões do seu tempo. O tempo mostrou que, até aquele ponto, ele tinha razão, já que nós, agora, sabemos muito mais. Como podemos saber se algo semelhante ao que afirmo não irá desaproveitar, com os anos futuros, muitas das eruditas opiniões sobre a mente e a consciência, expostas orgulhosamente pelos sábios de hoje?

É possível que o seu conceito de loga esteja errado. Desde tempos imemoriais, no país onde nasceu, a loga tem sido universalmente aceita como um caminho para a autodisciplina, com o objetivo confessado de conseguir abordar a realidade que está por trás do mundo dos fenômenos. Os nomes dos perfeitos resultados da loga são palavras do dia-a-dia na Índia. A disciplina é primordialmente orientada para uma sociedade relativamente calma, pastoril. Alguns dos expoentes modernos reduziram isso à posição de um comprimido sedativo ou de um sonífero do qual uma dose diária é necessária para acalmar a

Não é de surpreender, portanto, que algumas pessoas tratem o estado de iluminação e o transe hipnótico como coisas idênticas. Se forem continuadas por prolongados períodos, em grande escala, o efeito dessas práticas será realmente regressivo e antievolucionário. A estagnação mental que manteve o outrora espiritualmente avançado povo da Índia, e de outros lugares, ligados a ideias e crenças errôneas durante séculos, até serem salvos da rotina, recentemente, pela difusão do conhecimento, foi, de certa forma, devida a essas práticas negativas e antievolucionárias.

É característico do impulso evolucionário que opera na raça que uma mente muitíssimo inteligente, ou, digamos, uma consciência mais evoluída, procure um modo de fugir da prisão racional formada pelos sentidos e pelo intelecto. A forma natural de satisfazer esse anseio mediante uma porção maior de liberdade para o espírito é despertar as forças adormecidas do corpo — forças essas fornecidas pela natureza — a fim de efetuar a necessária transformação do cérebro. Os métodos eficazes para alcançar esse objetivo são os mesmos que a natureza instituiu para que se ganhe a perfeição em todos os ramos do conhecimento e da inteligência: persistente aplicação mental, estudo e prática feita de forma saudável. Esses métodos, quando aplicados à mente e à consciência, levam àquele estado intuitivo que tem sido o manancial de todo o conhecimento metafísico ou espiritual conquistado pela humanidade.

O uso de métodos para descer ao subconsciente, para ter experiências sobrenaturais, pode ser apontado desde períodos remotos da história. Tais métodos têm sido, quase que invariavelmente, um acessório das práticas religiosas dos povos primitivos. Eles também são usados em magia, feitiçaria, bruxaria e necromancia. É uma pena que muitos cientistas dedicados, agora engajados nessa investigação, não tenham conseguido fazer distinção entre esses dois métodos antagônicos de abordagem do transcendental.

O uso dessas práticas para alcançar o subconsciente a fim de ter experiências fantásticas, ou mesmo agradáveis, nunca produziram um grande gênio ou um vidente iluminado. Se esse tipo de meditação e de cultivo da mente estivesse conforme com as tendências naturais da psique humana, então seria nas antigas terras altas do Tibete e nas férteis planícies da Índia e da China que a safra de gênios que floresceu na Europa e na América nos séculos XVIII e XIX teria nascido. Nesse caso, a Índia nunca teria deixado de reproduzir uma reiterada safra de gênios espirituais e de videntes iluminados como os que iluminaram o

período upanixádico. O fato de não ter acontecido isso constitui um claro testemunho de que algo estava faltando na organização social, na vida, no pensamento e nas práticas religiosas que se seguiram ao período ascendente da idade védica.

A credulidade, a inércia ou a ignorância dos eruditos modernos, nessa esfera de vital importância para o progresso e a segurança da raça, estão na origem dessa confusão. A ciência, até agora, tem estado preocupada principalmente com a descoberta de leis que regem o universo material e a estrutura biológica do homem. Através de seus esforços, a humanidade alcançou, agora, uma elevação intelectual na qual ela se vê obrigada a conhecer as leis de sua mente e de sua consciência em evolução. Isso requer um prolongado e profundo estudo do fenômeno, tal como o que foi devotado a outros campos do conhecimento nos últimos duzentos anos.

Os métodos atuais, arbitrários e sem sistematização, dirigidos ao entendimento da natureza do êxtase místico e à meta da evolução da mente humana — como o *biofeedback*, a hipnose, as drogas e tudo o mais — só podem ser considerados como salto no escuro de um pico rodeado de profundezas abissais por todos os lados.

O objetivo do processo evolucionário é libertar cada vez mais a mente autoconsciente do homem da escravidão do subconsciente a fim de capacitá-lo a chegar aos níveis da cognição que, na presente condição de cativo, ele jamais poderá alcançar. Tal como um homem acordando de um sonho assustador retoma seu estado normal com profunda sensação de grato alívio, também o vidente acordado contempla, com alegria e gratidão, o transcendente estado do ser recentemente alcançado, livre da entorpecedora prisão do mundo sensorial. Esse processo de libertação é muitíssimo retardado quando a mente consciente falha no afirmar-se e submeter-se, docilmente, às ordens do subconsciente.

A evolução espiritual não implica maior habilidade na penetração das regiões da mente humana que se situam logo abaixo da superfície, mas concorre para elevá-la a níveis de percepção que ela jamais possuiu antes. Todo o progresso da humanidade tem sido consequência desse aumento da percepção de mentes bem dotadas.

As mais graves desorganizações da civilização moderna devem sua existência à deplorável carência de métodos salutarres de cultivo da mente e de formação de caráter para se adaptarem aos processos evolucionários interiormente ativos. Outrora a religião até certo ponto supria essa necessidade

vital. Agora, porém, nova orientação é exigida. Os indivíduos que nascem com a consciência mais aberta e dotados de inteligência excepcional são assim atirados num mundo inteiramente esquecido da necessidade de disciplinas psicológicas, a fim de que possam acertar o passo com o desenvolvimento interno.

O aumento alarmante de adeptos de drogas, de alcoólatras, de grandes fumantes, de histéricos, de delinquentes, de anarquistas, de ociosos e dos que se rebelam contra a sociedade, causando um aumento não menos alarmante de perturbações mentais, de crimes e de violência, constitui um resultado inevitável dessa grave negligência.

Se a humanidade tiver de ser salva do desastre, o cultivo voluntário da mente e a formação do caráter, como preparação para a vinda de uma consciência maior — pelo menos no caso de indivíduos geneticamente prontos para o desenvolvimento —, deveriam formar parte integrante de todos os sistemas educacionais, tal como são, hoje, o exercício físico e a higiene.

Não está longe o dia em que, com a compreensão da irresistível tendência evolutiva do corpo humano, a elite será compelida a curvar-se, submissa, diante dessa imperiosa exigência do cérebro humano em evolução que está levando a humanidade para um destino glorioso e predeterminado.

A inextinguível centelha da indagação, no homem, jamais terá repouso feliz enquanto não encontrar a resposta para seus próprios problemas.

A resposta jamais poderá vir do intelecto, que já está cambaleando sob o peso dos conhecimentos que reuniu até o momento presente. Mas virá através de um canal superior de percepção paranormal, canal que a humanidade deve desenvolver para realizar o seu destino.

Toda a trama da vida humana, suas estruturas sociais, políticas, religiosas e educacionais, terão de ser remodeladas para se adaptarem a essa necessidade. O cultivo da mente e o rearmamento moral são os dois ingredientes mais essenciais para esse inevitável reajustamento. A humanidade encontra-se agora frente a frente com a situação mais crítica de sua carreira evolutiva, uma situação que pede reflexão, calma, estudo e pesquisa, e não os expedientes aleatórios que estamos adotando no momento.

IV

O OBJETIVO DA MEDITAÇÃO

A mente intensamente concentrada num único objeto é como um pássaro de asas atadas que não pode mover a cabeça. Nessa condição, ele só pode ver o que estiver diretamente diante de seus olhos. Não tem, absolutamente, qualquer possibilidade de fazer seu voo em círculos cada vez mais amplos, até o infinito. Um estado de abstração como o de um matemático resolvendo problemas, ou o de um pintor desenhando retratos é, realmente, o que precisa ser cultivado. Um fabricante de flechas tão absorvido em seu trabalho que deixa de ver o rei que vai passando por ele, tornou-se exemplo clássico desse caso nos tratados hindus.

O objetivo da concentração é estimular o reservatório adormecido da energia psíquica para alimentar o cérebro. A simples conservação da mente focalizada num ponto único não é, em si mesma, iluminação. Só quando há um fluxo de energia para o cérebro é que a mente pode fugir das cadeias do corpo e observar a transformação desse mesmo cérebro numa entidade oceânica, com estupefação e temeroso respeito.

A sensação de luz, de fogo ou de iluminação interior é um sinal que distingue o fluxo dessa força psíquica. O intelecto continua a funcionar ao fundo, pois de que outra forma tal condição poderia ser avaliada e descrita? Isso está claramente mencionado nas escrituras hindus. Se a intensa concentração e a focalização de um único ponto fossem pré-condição dispensável, então outras formas de loga – como, por exemplo, a loga da ação destituída de egoísmo, ou a devoção e discriminação intelectual (a "sabedoria de Platão") – seria inteiramente ineficazes para induzir ao estado místico.

Nesse caso, como poderíamos explicar as experiências dos que têm relances esporádicos de iluminação? Há todo um exército de homens e mulheres talentosos que, sem qualquer disciplina ou prática de loga, receberam a experiência que lhes foi imposta de uma forma que deixou marca permanente em todo o curso de suas vidas. O impacto da experiência foi tão forte que eclipsou outros casos extraordinários que tinham vivido. Entre essas pessoas estão notáveis cientistas e eruditos,

cuja agudeza de percepção e nitidez de observação não podem sofrer a menor sombra de dúvida.

Entre eles estão figuras eminentes, tais como Pascal, Tennyson, Wordsworth, Charlotte Brönte, Walt Whitman, Richard M. Bucke, George Eliot, D. H. Lawrence, Nietzsche e muitos outros. Suas descrições desse estado extraordinário possuem certos aspectos que, para quem passou pela mesma experiência, fixam imediatamente o selo da autenticidade.

Algumas sentenças de três ou quatro desses casos vão esclarecer o que quero dizer: "Eu estava tomado de uma satisfação tranquila, quase passiva, sem realmente pensar, mas deixando que ideias, imagens, emoções, fluíssem por si mesmas, por assim dizer, através da minha mente", diz Bucke. "Súbito, sem qualquer aviso, vi-me envolvido numa nuvem com cor de chama. Por um instante pensei em fogo... Logo depois tive uma sensação de exultação, de júbilo imenso, acompanhada, ou imediatamente seguida, de uma iluminação intelectual impossível de descrever... Vi que o universo não é composto de matéria morta, mas, ao contrário, é uma Presença Viva...".

A experiência de Arthur Koestler é de certa forma diferente, mas refere-se claramente, à mesma súbita transformação da consciência. "Esse clichê teve um efeito forte e inesperado. Vi a fórmula de Einstein que abalou o mundo – energia igual à massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz – pairando como uma névoa rarefeita sobre as geleiras, e essa imagem trazia consigo infinita paz e tranquilidade... A sensação de estar sufocado pela indignação foi sucedida por uma quietude relaxada e pela autodissolvente calma da sensação oceânica...".

A versão de Nietzsche também parece diferente, mas se a examinarmos mais detidamente, transmite o mesmo significado e mostra a mesma expansão da consciência. Alguém já observou que a música liberta o espírito e dá asas ao pensamento?... O céu cinzento da abstração parece fremir com os relances dos relâmpagos, a luz é forte bastante para revelar todos os pormenores das coisas, para permitir que alguém lute com seus problemas, e o mundo é observado como que do alto de uma montanha... Respostas inesperadas tombam sobre seu colo, pequena tempestade de granizo e sabedoria, e problemas resolvidos. Onde estou eu?

A expansão da consciência não só aparece com uma sensação de beatitude, de calma e paz, uma sensação oceânica ou a percepção de uma Presença infinita, mas, também, muitas vezes com problemas resolvidos e enigmas respondidos. Ela

tem vindo através da história, e continuará a vir até o fim dos tempos, com novas obras-primas de música, poesia e arte, novas descobertas da ciência e novos horizontes para o pensamento filosófico.

É um erro separar a experiência mística dos impulsos criativos da mente humana. A consciência humana cresce num círculo sempre crescente, e, nesse processo, continua a atirar para o regaço da humanidade tudo quanto é precioso em literatura, arte e ciência. Cada grande intelectual, cada gênio, dotado com criatividade, está muito próximo da fronteira a partir da qual tem início o território místico. A visão e a experiência podem vir a qualquer momento.

O maior obstáculo é a antagônica estrutura mental da própria pessoa. Todos os sistemas de loga, na Índia, e cada forma de disciplina religiosa, de culto ou de oração são destinados a ultrapassar as barreiras colocadas pelo intelecto supercrítico, pelo dogma, pelo ceticismo, pelo ego, pelo orgulho e por outros traços recalcitrantes da mente.

Há também outras concepções errôneas sobre o estado beatífico. Sobre a realidade de tempo, por exemplo. "Uma terceira característica de todos os místicos metafísicos", diz Bertrand Russell, "é a negação da realidade do tempo. Isso é o resultado da negação da divisão; se tudo é um, a distinção entre passado e futuro deve ser ilusória".

É um erro sério negar a realidade do tempo ou do espaço ou, em outras palavras, a realidade do universo visível, com base na experiência mística. Nenhum astronauta sensível iria negar a realidade do ambiente encontrado na terra baseando-se na sua experiência do espaço exterior. Tal estrutura mental seria desastrosa para a sua própria segurança. No transe místico, o que se observa é o mundo de vida e consciência. É uma proposição diferente do mundo dos fenômenos. Portanto, o que é testemunhado ali não pode ser aplicado, palavra por palavra, ao mundo exterior.

Essa estrutura mental muitas vezes tem levado àquela apatia em relação aos problemas da vida, que segurou com sua mão de ferro tantas pessoas inteligentes, até que a moderna ciência veio demonstrar as enormes potencialidades presentes na matéria para modelar a vida da humanidade. O místico que pretender ignorar as exigências básicas de seu corpo, sentindo o arrebatamento de sua extasiante experiência, perderia, depois de algum tempo, não apenas o arrebatamento, mas talvez também a vida.

A perda do sentido de tempo ocorre, também, nos excitantes jogos do amor no sono e no sonho quando

observamos uma cena absorvente ou ouvimos música, ou estamos empenhados num trabalho criativo. Amantes que se encontram clandestinamente veem as horas passar como se elas não tivessem duração, enquanto meia hora de espera parece uma eternidade.

No transe místico, o sentido do tempo se perde por causa da intensidade da experiência e da natureza intemporal da própria consciência. O mesmo pode acontecer, em menor grau, quando lemos um livro absorvente, ou ouvimos uma história impressionante narrada por um perfeito contador de histórias. No êxtase perene, a existência do mundo temporal continua no ambiente de uma Presença intemporal. Se não fosse assim, não haveria possibilidade de uma evolução maior da consciência para um estágio místico.

O *Samadhi* autêntico, ou experiência transcendental, é como a entrada num país maravilhoso onde a própria consciência, e não o mundo dos sentidos, torna-se o fascinante objeto da contemplação. A mente e o intelecto permanecem inabaláveis na observação de um estonteante espetáculo que se situa além do que quer que se conheça na terra, mesmo em sonhos. Observem as palavras de Tennyson, quando ele diz: "Senti minha alma e meu espírito crescerem poderosamente com tão vasto círculo de pensamento...".

A única chave para a compreensão da consciência mística está no tratar o fenômeno como uma metamorfose na capacidade cognitiva do observador. A alma cresce vigorosamente e o olho mental amplia-se imensamente. Quando a mente de um iluminado se volta para o interior, o panorama que ele descortina é o de um colossal mundo de vida que torna pequeníssima a imagem do mundo exterior — presente em sua imaginação — fazendo-o insignificante. O que se sente é uma Presença viva, um inexprimível oceano de consciência difundido por toda parte. A imagem do mundo parece flutuar, como o reflexo num espelho, ocupando apenas uma pequena porção da sua ilimitada periferia.

Isso também é verdadeiro em relação ao estado místico com experiências visionárias. A imagem de Deus ou da Deidade, percebida na visão, não é apenas uma imagem terrena, envolvida em espaço e tempo, mas algo supraterrâneo e divino, imanente e majestoso, que reúne forma e feitio por causa da própria consciência do vidente, consciência que se expandiu altamente. Em outras palavras, a visão é uma projeção da própria consciência mística.

O que desejo enfatizar é o fato de que a consciência mística — seja de natureza esporádica seja um traço

permanente da personalidade — não é habitual ou comum como estado de percepção humana. Mesmo que a função do pensamento seja detida pela prática de uma disciplina qualquer, a dimensão da consciência que observa não é materialmente afetada. Isso também é aceito por Patanjali, autor das *Ioga Sutas*.

Desde que a distinção entre o sujeito e o objeto da contemplação continue a existir, a experiência do *Samadhi* não se dá. O sujeito e o objeto devem tornar-se um, e a consciência deve fluir para si mesma, levando a uma nova área de percepção nunca antes experimentada. "O eu, harmonizado pela Ioga, vê o Eu existente em todos os seres, e em toda parte vê a mesma coisa", diz o *Bhagavad Gitâ* (6.29). Não há ambivalência nessa declaração. A implicação é clara e fica além da dúvida. O objetivo fundamental da Ioga é criar uma consciência que vê o mundo visível sob uma nova luz, não como algo alheio ou estranho a ela, mas como parte inseparável dela própria. Isto indica, claramente, a metamorfose do observador.

Olhando para os objetos que o rodeiam, ele agora vê algo novo, que antes jamais observara. Percebe a diferença nas formas, as durações do tempo e as distâncias, tão distintamente como antes, talvez mais nítidas do que antes. Mas, ao mesmo tempo, vê todas essas coisas ensartadas na consciência como as pérolas de um colar estão ensartadas no fio que corre através de todas elas. A consciência, agora, torna-se a realidade primordial para o místico em estado de vigília, de sonho ou de transe. É por essa razão que, na Índia, todas as autoridades em estados superiores de consciência concordam no ponto que diz que a *Turiya* — o estado transcendental — cobre todos os outros estados de consciência.

A consciência iluminada, que vê o divino em cada objeto, em cada escaninho e em cada recanto do universo, não perde, portanto, o senso da forma, mas percebe distintamente tudo, como antes. Pelo contrário, outra faculdade é acrescentada à mente, capacitando-a para perceber o que nunca vira antes: o palpitante mundo da vida, os inexprimíveis fluxos de consciência fluindo por todos os lados, como as águas transparentes de um lago translúcido que fazem com que numerosas criaturas aquáticas, e as plantas que vivem sob a sua superfície, se tornem distintamente visíveis sem a menor transformação de suas formas. A sensação de admiração e de respeitoso temor, de uma experiência realizada, de uma alegria sem peias e da convicção da imortalidade flui dessa excitante transformação testemunhada pela própria pessoa.

Para onde quer que a consciência iluminada olhe, ela vê a projeção de si mesma, diversificada nos inumeráveis objetos que observa. Mas isso não é tudo. Quando os contatos externos são excluídos e a consciência paira sobre si mesma, ela deixa depressa a âncora do corpo e, estendendo-se em brilhantes vagas de percepção não diferenciada, assume a proporção de ilimitado oceano, no qual o ego dissolvido retém apenas a individualidade necessária para se sentir uno com um universo estupendo do ser, que não tem princípio nem fim.

A presente confusão entre professores de yoga e alguns cientistas nasce do fato de que a experiência mística não tem sido estudada da mesma forma metódica com que se estuda qualquer outro misterioso fenômeno físico. Tem-se dado demasiada confiança às versões de alguns autores modernos que se colocam em posição de místicos sem terem realmente tido a verdadeira experiência mística. Poucos investigadores dos dias atuais têm qualquer ideia concreta sobre a topografia da região que estão explorando. Quase todos os investigadores têm opiniões próprias sobre o caso e tentam encontrar uma evidência confirmadora para mostrar que estão com a razão. Isso é a própria antítese do que seja a abordagem correta do numinoso.

O intelecto deveria apresentar-se como uma lousa limpa, pois tratamos aqui com aquelas áreas da criação que se situam além da sondagem da razão. Isso eliminaria a possibilidade de julgamento apressado e irrefletido, posição que tem sido adotada recentemente.

Considera-se, por exemplo, esta declaração de Aldous Huxley: "Isso acontecerá como resultado de descobertas bioquímicas que tornarão possível, para grande número de homens e mulheres, alcançar uma autotranscendência radical e uma compreensão mais profunda da natureza das coisas. E essa revivescência da religião será, ao mesmo tempo, uma revolução. De atividade que se ocupava principalmente com símbolos, a religião se transformará numa atividade preocupada principalmente com a experiência e a intuição — e com o misticismo cotidiano, fundamentando e dando significação ao raciocínio cotidiano, às tarefas e deveres cotidianos, às cotidianas relações humanas".

A inferência óbvia é que o uso de reagentes bioquímicos ou de drogas tornaria possível aos seres humanos provarem o sabor da experiência mística. Nada pode ser mais errado nem estar mais distante da resposta verdadeira. Não há dúvida de que a experiência mística implica, essencialmente, uma

transformação biológica do cérebro, mas essa transformação é do mesmo tipo da concepção e do crescimento de um embrião.

A criança vem a ser, sem dúvida, como que o resultado de certos processos bioquímicos, mas poderemos acaso fazê-la sem o auxílio do sêmen humano? A transformação do cérebro, que leva à consciência transcendental, precisa do toque superinteligente, orientador, da força vital que está na base de todos os fenômenos da vida.

É esse elemento misterioso no sêmen humano o responsável por toda a agitada atividade que ocorre no útero. Trata-se de um meio cósmico que nenhum engenho humano jamais conseguiu criar. Vindas da pena de escritores de tanta popularidade como Aldous Huxley, declarações como as que fez têm prejudicado grandemente a investigação dos fenômenos místicos, descrevendo-os como uma alteração da consciência que as drogas poderiam tornar possível.

"O elemento criativo da mente humana, esse estado latente, que pode conceber deuses, esculpir estátuas, mover o coração dentro dos símbolos da grande poesia, ou inventar fórmulas da física moderna", diz Loren Eiseley, "emerge de forma misteriosa, como essas partículas elementares que saltam, em momentânea existência, em grandes ciclotrons, para desvanecerem-se outra vez como fantasmas infinitesimais. A realidade que conhecemos em nosso limitado prazo de existência apouca-se diante do potencial invisível dos abismos, a cuja margem a ciência se detém".

O estado místico autêntico assinala uma mudança na profundidade de toda a personalidade humana e o desenvolvimento de um novo órgão de percepção, conhecido desde tempos imemoriais com diversos nomes, tais como Terceiro Olho, Sexto Sentido, Olho da Sabedoria, Visão Divina e outros.

"Como o desenvolvimento da vida significa o nascimento e crescimento da consciência", diz Teilhard de Chardin, "esse desenvolvimento não poderia continuar indefinidamente em sua mesma linha sem uma transformação em profundidade, como todos os grandes desenvolvimentos do mundo."

Acreditar que métodos superficiais, tais como drogas, hipnose, meditação orientada, mantras ou estados mentais passivos e sonolentos possam levar à iluminação é ter um conhecimento superficial da experiência mística. A experiência mística, mesmo quando esporádica, denota um salto para uma dimensão mais ampla da consciência que é o alvo da evolução da raça humana.

"Se Deus e a alma humana fossem completamente diferentes, nenhuma quantidade de raciocínio lógico e de meditação poderiam levar-nos à realidade de Deus", diz Radhakrishnan. "A consciência de Deus é tanto um dom original dos seres humanos quanto a autoconsciência. Há graus na consciência de Deus, como há graus na autoconsciência. Em muitos homens, elas são enevoadas e confusas; somente na alma redimida elas se manifestam por completo."

Portanto, na experiência mística, testemunhamos uma nova variedade de consciência que é absolutamente indescritível por aqueles que não a experimentaram alguma vez. "Tudo quanto podemos observar diretamente no mundo físico acontece dentro da nossa cabeça e consiste em eventos mentais, pelo menos num sentido da palavra mental", diz Bertrand Russell. "Consiste, também, em eventos que formam parte do mundo físico. O desenvolvimento deste ponto de vista leva-nos à conclusão de que a distinção entre mente e matéria é ilusória. A matéria do mundo pode ser chamada de física ou de mental, ou de nenhuma das duas, como quisermos; na verdade, as palavras não servem para nenhum propósito".

Na consciência mística perene, a posição do sujeito e do objeto permanece a mesma, com uma diferença: agora, a consciência subjetiva domina a cena.

A diferenciação de forma, seja qual for sua base física — do ponto de vista do nosso processo mental —, depende, primordialmente, da potencialidade da consciência para assumir formas multifárias, a fim de interpretar os eventos físicos sobre cuja natureza real nada sabemos, a não ser o que nos é revelado por nossa mente.

O que é notável nessa natureza sujeito-objeto do mundo e a consciência observadora é que, enquanto tudo quanto vemos, imaginamos, escrutinamos, ou pesamos, está constantemente flutuando, o espelho que reflete cada imagem e cada pensamento permanece o mesmo. O mesmo relacionamento sujeito-objeto — entre o mundo e o observador humano — continua a existir mesmo no caso da consciência iluminada, a não ser com esta diferença: o papel da consciência, como realidade por trás do mundo fenomenal do nome e da forma, torna-se óbvio.

O panorama que se estende até o derradeiro limite do horizonte e o vácuo do céu circundante, ao lado de todos os objetos físicos amontoados nele, parecem estar repletos de uma imanência, de uma gloriosa e inexprimível Presença, calma, serena e beatificante, intocada pelos acontecimentos e sublevarções por mais violentos que sejam. É como o leito

Há ascetas na Índia que fumam ou comem preparações feitas de cânhamo (haxixe ou maconha) em enormes doses, permanecendo muitas vezes sob a influência da droga dia e noite. Essas práticas estiveram em voga, na Índia, durante muitos séculos, sem produzir um só espírito iluminado. Eremitas que usam drogas chegam a centenas de milhares e são uma fonte de infelicidade para eles próprios e para os outros. Narcóticos, alucinógenos e intoxicantes não ajudam, antes formam uma barreira insuperável no caminho da realização de Deus.

O interessante é que a palavra "ioga" deriva da raiz sânscrita *Yuj*, que significa jungir, juntar. Ioga, portanto, implica a união da alma individual com o espírito universal, ou consciência. De acordo com todas as autoridades, o estado final da união com o divino é extremamente difícil de alcançar. "Depois de muitos nascimentos" — diz o *Bhagavad Gitâ* — "o investigador que discrimina busca alcançar-me, dizendo que tudo isso (a criação) é o Senhor. Alma assim tão grande é difícil de encontrar". Segundo os Tantras, de milhares que praticam a Hatha Ioga dificilmente há um que tenha êxito.

Imaginemos essa difícil "união" mais de perto. Dos milhões que têm estado praticando técnicas meditativas de Ioga, quantos, no Ocidente, alcançaram a expansão da consciência? Quantos ganharam esse estado de beatitude e de espontâneo fluxo de sabedoria superior que, desde tempos imemoriais, tem sido associado ao sucesso dessa empresa sagrada? Quantos publicaram suas experiências espirituais para oferecer um relance do transcendental a outros que procuram, a fim de inspirá-los e dar-lhes orientação a respeito do Caminho?

Na Índia, durante os últimos cem anos, o número de iluminados pode ser contado pelos dedos de uma só mão. Antigamente, a autorrevelação era o primeiro teste da pessoa espiritualmente iluminada. Os famosos videntes dos Upanixades — e mesmo Buda — tiveram de apresentar provas de autenticidade de suas experiências.

O objetivo da Ioga, então, é o de alcançar o estado de unidade ou de união com Deus, com Brahma, com seres espirituais, como Cristo, Krishna, com a Consciência Universal, com Atman ou Divindade... de acordo com a fé e a crença do devoto...

Pelas experiências registradas dos místicos cristãos, tais como São Paulo, São Francisco de Assis, Santa Teresa, Dionísio, o Areopagita, Santa Catarina de Siena e outros, e dos mestres sufis incluindo Shamsi-Tahrez, Rumi, Ahu Yazid, al-Nuti e al-

Junaid, e pelas experiências de adeptos da Ioga, tais como Kabir, Guru Nank, Shankaracharya, Ramakrishna, Ramana Maharshi, para citar uns poucos, é óbvio que naquilo que é basicamente essencial a experiência é a mesma.

Durante o êxtase, ou transe, a consciência se transforma, e o iogue sufi ou místico encontra-se em relação direta com uma Presença dominadora. Essa Presença, calorosa, viva, consciente, difunde-se por toda parte e ocupa toda a mente e todos os pensamentos do devoto, que se perde em contemplação, inteiramente esquecido do mundo.

A experiência mística pode centralizar-se em torno de uma personalidade deificada, tal como um salvador, um profeta ou uma encarnação, ou em torno de um *shunya*, de um vácuo, ou da imagem de Deus que está presente na mente do devoto, ou pode centralizar-se numa imensa sensação de extensão infinita, num mundo de ser que não tem fim. Não é apenas a aparência da visão que tem importância na experiência mística. Visões também flutuam diante de olhos em condições de meia vigília, e também na histeria, na hipnose, na loucura e sob a influência de drogas e de intoxicantes.

É a natureza da visão — os sentimentos de temeroso respeito e de encantamento provocados pelo espetáculo que transcende tudo quanto é conhecido na terra. A expansão do ser, o senso de infinitude associado à figura, ou à Presença, e as emoções de supremo amor, de dependência, de completa entrega, marcam a experiência e a fazem de imensa importância, como um contato vivo com um estado de ser que não pertence a esta terra.

Mesmo um momentâneo contato com o divino é uma estupenda experiência. Alguns dos homens mais famosos da terra — os maiores pensadores e os mais completos escritores — tais como Platão, Plotino, Parmênides, Dante, Wordsworth e Tennyson, tiveram essa experiência. Emerson, e muitos, muitos homens de renome, tiveram essa experiência singular, a que eles foram impelidos com frequência, para seu grato espanto. A maioria deles não era afeta a disciplinas espirituais, e houve até os que não tinham uma firme crença em Deus. Porque, mesmo quando inesperada, a experiência deixa uma marca permanente na vida, marca que eleva o indivíduo e lhe outorga intuições que não são possíveis para aqueles que jamais veem além do véu.

A experiência tem sempre as mesmas características básicas. É incrível que tantos homens e mulheres dotados de cultura, tanto cientistas como eruditos, ignorassem um fenômeno tão difundido como tem sido a experiência mística. O fenômeno torna-se ainda mais surpreendente quando

observamos que todos os grandes fundadores de religiões e alguns dos maiores filósofos, escritores e artistas foram agraciados com a visão beatífica. Todos eles reconheceram-na pelo que era — uma rápida visão de outra vida e de outro mundo.

A loga significa uma visão de relance de nós próprios, sem a prisão da carne e sem a atração da terra. Por um curto espaço de tempo, somos invencíveis, eternamente imunes à desagregação, à doença, ao fracasso e ao sofrimento. Não passamos de gotas num oceano de consciência, no qual o tempestuoso universo de sóis e planetas colossais parece um reflexo que não tem absolutamente nenhum efeito sobre a calma inalterável, a paz e a beatitude que enche essa ilimitada expansão do ser. Somos uma maravilha, um enigma, uma adivinha; mesmo aqueles que têm acesso a isso, em alguma ocasião de suas vidas, não podem descrever a experiência mística de uma forma que-outros possam entender. Porque a alma pertence a uma outra região, a um outro estado de existência, a um outro plano de ser, onde nossos sentidos, mente e intelecto se debatem nas trevas.

loga também significa o fato de que essa metamorfose da consciência não é apenas osso e carne, mas uma entidade pensante, sensível, conhecedora, cuja verdadeira natureza ainda está oculta para os eruditos da nossa época, como esteve oculta para os sábios do passado. A consciência é algo intangível para os nossos sentidos e para a nossa mente. "*Neti, neti*"

("Não é isso, nem é aquilo") dizem os Upanixades, porque isso não pode ser descrito em termos de nada que seja percebido pelos nossos sentidos ou apreendido pela nossa mente.

Vocês podem explicar a si mesmos o que são ou quem são? Qual é a natureza dessa entidade que pensa, que conhece, desse ser sensível em nós, ser que é consciente do mundo que o rodeia e que nunca tem capacidade para responder a perguntas sobre de onde veio e para onde tem de ir?

O progresso material é o primeiro passo para o despertar espiritual. Em toda civilização do passado, quando morria o fumo e o pó das batalhas e lutas pela supremacia, as perguntas eternas — quem sou, qual é o mistério que está por trás dessa criação? Começaram a agitar os mais inteligentes e as pessoas mais desenvolvidas da multidão.

As respostas fornecidas pelos sábios, entre os egípcios, os babilônios, os indo-arianos, os chineses, os persas, os gregos e romanos, ainda estão registradas, e é evidente que apenas esse desejo inquieto da alma — o de descobrir a si mesma — foi o que

instigou o crescimento mental, científico e artístico da maioria dos homens. Na verdade, de início, todo o conhecimento nascia da pressão exercida pela sede religiosa do homem. Não há nada mais errado do que as opiniões expressas por alguns eruditos e cientistas, de que a experiência religiosa é uma condição patológica do cérebro ou uma invasão do inconsciente. Essa atitude irresponsável destrói os próprios fundamentos da preciosa insistência responsável pelo progresso da humanidade.

A loga objetiva dar respostas a essas momentosas perguntas, respostas que não podem ser fornecidas por negativas céticas, pelo uso de drogas, pelas *Asanas* ou *mantras*, por exercícios respiratórios ou meditação, sem outras virtudes morais. Para ser eficaz, a loga deve ser praticada na íntegra de seus oito membros ou ramos. Todos os que aspiram à suprema experiência devem lutar pela perfeição, devem começar primeiro com o desenvolvimento da sua personalidade.

"Só a ela chamo de brâmane, isto é, pessoa espiritualmente desperta", diz Buda, "da qual a luxúria, a cólera, o orgulho e a inveja caíram como a semente da mostarda cai da ponta de uma agulha." A simples recitação do conhecido mantra *Om Mani Padme Om*, popular entre os budistas do Tibete, ou sua rotação milhões de vezes nas rodas de oração, não pode produzir fruto algum em alguém que não siga os outros ensinamentos de Gautama, o Buda. A tragédia é que as pessoas nem sempre compreendem o que significa "iluminação" ou "autorrealização". Trata-se de um empreendimento colossal.

De acordo com os registros disponíveis, o número de homens que tiveram uma experiência autêntica durante todo o curso da história não passa de umas poucas centenas. Eles são em número muito menor entre os homens de talento e os gênios, em todos os ramos do conhecimento e da arte, mas eles criaram a revolução no pensamento que continua a afetar o mundo até os dias atuais. O adepto espiritual ou o gênio religioso são extremamente raros por esse motivo: "iluminação" representa uma transformação da consciência, a abertura de um novo canal de percepção interna, pelo qual o universo imorredouro e infinito é aberto à visão da alma.

Tal como cada átomo da matéria representa uma unidade de energia básica que forma o universo, cada alma humana representa uma gota de um infinito oceano de consciência que não tem princípio nem fim. O homem comum, esquecido de sua natureza divina e inconsciente de sua própria majestade, vive em dúvida permanente por causa das limitações do cérebro humano. É dominado pela incerteza e pelo sofrimento quando

pensa na morte e se identifica com o corpo, de princípio ao fim. Ele não compreende que tem uma existência eterna que lhe pertence, e é gloriosa, destituída de entraves.

Todos os sistemas da loga e todas as disciplinas religiosas são destinadas a efetuar no corpo essas modificações psicossomáticas que são essenciais para a metamorfose da consciência. Um novo centro — atualmente adormecido no homem e na mulher comuns — tem de ser ativado, e um fluxo mais poderoso de energia psíquica deve subir até a cabeça, vindo da base da espinha, a fim de capacitar a consciência humana a transcender os limites normais. Essa é uma fase final do atual impulso da evolução no homem. O sistema cérebro-espinhal do homem tem de sofrer uma modificação radical, que permita à consciência atingir uma dimensão que transcenda o mais alto intelecto. Aqui, a razão cede à intuição e a revelação aparece para guiar os passos da humanidade.

A sílaba "aum" representa a música da alma. Essa melodia é ouvida apenas quando o Centro do Poder Divino, no homem, é despertado para a atividade. Então, uma radiação sublime inunda o cérebro como um fluxo de néctar dourado, iluminando o que antes estava escuro. Com a difusão desse brilho, a alma fica repleta de inexprimível felicidade e se vê crescendo em dimensão, estendendo-se para fora com os raios do sol. Essa radiação alcança todos os objetos próximos; e se difunde então para fronteiras distantes, incluindo o horizonte do universo visível. Não há perplexidade nem distorção, como acontece com as drogas, nem perda da memória, como se dá com a hipnose. O intelecto permanece intocado e não há nenhum envolvimento ou aberração. Os mundos, o interior e o exterior, ficam lado a lado, mas com uma importante diferença: de um ponto da consciência a alma agora parece expandir-se de ponta a ponta, uma inefável e intangível inteligência presente em toda a parte.

O objetivo da loga é essa união com o universo da consciência, capacitando o homem para compreender sua origem e destino, e conseqüentemente, modelar sua vida e o mundo. Trata-se de uma realização hercúlea, mais cheia de aventuras, riscos e excitação do que a mais longa viagem ao espaço exterior. Este é o maior dos empreendimentos, destinados pela natureza aos mais viris e mais inteligentes membros da raça humana, quando atingirem o zênite do conhecimento e da prosperidade material.

Por causa da natureza extremamente árdua da tarefa é que Buda prescreve o celibato e a vida monástica para os aspirantes. Esse é o Reino dos Céus de que falou o Cristo e no

"Com o passar do tempo" — diz o mestre taoísta Chao Pi Ch'en — "estados demoníacos ocorrerão ao que pratica, sob a forma de visões do paraíso em toda a sua majestade, com belos jardins e lagoas, ou infernos povoados de terríveis demônios com estranhas e assustadoras cabeças e rostos que mudam constantemente suas formas hediondas. Se ele não for capaz de expulsar essas aparições causadas pelo cinco agregados, bem como as visões de mulheres e moças que o perturbem, ele precisará compor a sua mente, que deve estar clara interior e exteriormente." Manter a mente clara interior e exteriormente é indispensável para se contemplar a majestade da alma. Buda é ainda mais explícito ao aconselhar a supressão do desejo de dons psíquicos de tipo miraculoso. O desejo de voos visionários, de dons psíquicos e de poderes miraculosos implica um desejo de continuar sob o domínio do ego, da mente, dos sentidos, com o fim de vivenciar em planos mais sutis o que se vivência na terra. Realizar feitos surpreendentes com forças psíquicas, ou outras forças cósmicas invisíveis, é descer novamente ao plano da terra.

O alvo do impulso evolucionário, por outro lado, é criar uma situação que é a própria antítese disso. É levar a alma a uma nítida compreensão de sua própria natureza divina, para além do que quer que seja ligado a este mundo. Viemos à terra para nos conhecer. O único espelho da vida em nós, espelho que reflete o universo, nunca revela sua assombrosa substância, e nunca reflete o seu mundo. A evolução humana em sua totalidade está destinada a nos tornar conscientes de que somos pedras preciosas vestidas de carne; essa percepção não só é possível como obrigatória para cada ser humano nascido na terra. Séculos podem passar para que isso se dê, mas cada atividade humana, cada ordem social, política ou religiosa está participando desse poderoso plano espiritual.

Se for corretamente levado adiante, o sistema descrito nestas páginas explicará a natureza do destino espiritual do homem ao mundo da ciência. O homem precisa se conhecer para se erguer acima da dor e da miséria, da derrota e do desespero, da angústia e da confusão deste mundo. Nada há que possa sustentá-lo com maior firmeza em suas batalhas terrenas do que um vislumbre ocasional de sua própria majestade, de sua imortalidade, ocultas dentro dele pela natureza.

VI

PERIGOS DA PERCEPÇÃO PARCIAL: COMENTÁRIOS SOBRE A AUTOBIOGRAFIA DE ALAN WATTS

Não é difícil ver que Alan Watts foi um daqueles intelectuais em quem a metamorfose evolutiva é quase completa, embora nada se saiba de sua condição fisiológica interna, responsável por ela. Essa percepção parcial leva a centelhas espontâneas de experiência mística e a uma intensa aspiração pela transcendência. Em tais casos, o mecanismo sexual, junto com o evolutivo, atua de ambas as maneiras, criando, às vezes, uma sede insaciável de visões beatíficas e, ao mesmo tempo, um insaciável apetite de experiência sexual. Do ponto de vista evolucionário, esse estado denota um sistema fisiologicamente maduro, pronto para a experiência e uma Kundalini altamente ativa, pressionando tanto o cérebro como o sistema reprodutor.

A atividade da Kundalini, entretanto, quando o sistema não está corretamente sintonizado, pode ser abortiva e, em alguns casos, até mesmo mórbida. No primeiro caso, a consciência expandida é eivada de complexos, de ansiedade, de depressão, de medo e de outros estados neuróticos e paranoicos, que se alternam com elevados períodos de bem-aventurança, de experiências ligadas a percepções visuais ou de tendências criativas. No segundo caso, ela se manifesta de várias formas hediondas de psicose, em depressões horríveis, em frenética excitação e nas selvagens ilusões dos insanos. Em palavras simples, a mesma energia de vida (prana) que, quando pura, leva às gloriosas experiências visuais do místico harmonizado, quando levemente maculada pode causar uma sombria tendência à tensão, ao medo, à depressão ou à ansiedade e, quando irremediavelmente contaminada, cria os gritantes horrores da loucura. O que o Sr. Watts atribui a si próprio em sua autobiografia — *In My Own Way* — seu "espírito instável", "apego à nicotina e ao álcool", "frêmitos ocasionais de ansiedade", "interesse por mulheres", "falta de entusiasmo pelos exercícios físicos" — pode ser aplicado a

muitos seres humanos inteligentes e evoluídos que nunca estiveram, nem estão, no limiar da consciência mística. Seu estado não permanece uniformemente beatífico, feliz ou criativo, devido a várias falhas, de meio ambiente e, psíquicas ou orgânicas. Essa condição traumática habitualmente encontrada em mentes modernas altamente inteligentes ou criativas é o resultado da enorme negligência no que se refere às necessidades da evolução e deveria constituir o campo mais urgente dos estudos científicos. Mas, sendo os sábios modernos ignorantes ou indiferentes ao campo espiritual, ou, em outras palavras, às exigências da evolução dos seres humanos, o mundo continuará a sofrer até que se consiga uma abertura de caminho.

O esforço da evolução é dirigido à construção de uma dimensão de consciência ainda mais ampla nas linhas vivenciadas pelos místicos de todos os países e tempos em seus estados superiores de êxtase. É preciso um grande exercício de força de vontade e, mais ainda, de autodisciplina para manter a mente que trabalha em níveis superiores de cognição sob um controle constante quando se vê diante de tentações ou diante dos eternos e agudos problemas da vida. O conteúdo emocional, tornando-se mais forte a cada passo da ascensão requer um crescimento correspondente do poder de autocontrole. É esse desenvolvimento desproporcionado entre os dois que está, com frequência, na raiz da neurótica, discordante, inquieta, amedrontada, ansiosa, superambiciosa, infeliz, excitada e insatisfeita condição da mente intelectual. Em todos os países civilizados a tensão mental está aumentando, porque a vida que levamos e o ambiente social que criamos são antievolucionários. Essa é, também, a explicação para a totalmente inesperada e alarmante revolução que ocorreu no pensamento da juventude moderna sobre a validade da presente organização social que, do ponto de vista da evolução, tem sobrevivido à sua utilidade; ela, agora, representa uma ameaça real para o progresso e a segurança humana. O decréscimo na vitalidade moral de um povo é o primeiro sintoma de degeneração. Faz-se necessário um estado de constante esforço e vigilância para evitar a deterioração do senso moral, construído durante séculos de existência civilizada.

Não foi a sociedade nem a civilização a causa do crescimento ético. Elas ajudaram seu desenvolvimento. A causa é o impulso evolucionário que está na raça humana. Os psicólogos erram gravemente quando acusam a civilização pelo controle e a repressão dos instintos selvagens, naturais. Ambos são interdependentes e ambos têm sua origem na Kundalini a

trabalhos antigos, mas suas implicações fisiológicas não foram compreendidas.

O senhor parece aceitar que existe uma energia que remodela o cérebro.

Não há nada de espantoso nisso. Vemos que a mente humana tem estado em evolução por muitos milênios. Há um grande abismo entre o intelectual de hoje e, digamos, o intelectual do Egito dos velhos tempos. Podemos ver, pelos trabalhos de arte, pela escrita e por outros sinais, que a mente humana deu um tremendo salto para frente. O pensamento humano tornou-se mais flexível e muito mais compreensivo.

Temos de encontrar algum motivo para essa evolução. Os sábios modernos são incapazes de encontrar quaisquer mudanças no cérebro ou no tamanho do crânio, por isso não conseguem localizar a causa desse avanço do conhecimento. Mas se apenas refletirmos sobre esse ponto veremos que não é possível nenhuma mudança na mente ou na consciência humanas sem uma mudança no cérebro ou mesmo em todo o corpo. Cada pensamento, cada paixão, cada emoção tem certa marca em nosso corpo, embora possa ser tão leve que não é imediatamente percebida. Isso significa, claramente, que os avanços do homem, do estado primitivo para o atual, devem ser acompanhados por certas modificações fisiológicas que não temos possibilidade de localizar.

Assim, não há nada de tão maravilhoso em se dizer que há uma força que pode transformar o corpo e o cérebro do homem. Essa transformação já está ocorrendo, embora de forma imperceptível. Isso acontece até numa criança quando ela passa da infância para a maturidade. Há sempre uma mudança em seu cérebro, que mais tarde, com sua faculdade de raciocínio — faculdade que está adormecida enquanto ele é uma criança — se torna manifesta. Da mesma forma, nos selvagens, essa faculdade de raciocínio era muito primitiva ou baixa, mas agora está grandemente aperfeiçoada. A razão dessa mudança está na transformação do cérebro.

Pesquisadores modernos não são capazes de localizar essa mudança porque a alteração ocorre principalmente na energia nervosa, que os antigos conheciam como prana. Prana é a energia que usamos para pensar. Certas descargas elétricas acontecem com qualquer atividade do cérebro. Essas perturbações elétricas variam nos diferentes estados de consciência. Por exemplo: há um estado durante o sono e outro durante a vigília. Prana é o agente causador dessas mudanças, embora seja absolutamente imperceptível. Os cientistas apenas

medem as descargas elétricas, não o misterioso agente que as causa.

Se o prana é imperceptível, o que o leva a dizer que ele existe?

A verificação de sua existência está nos livros antigos, onde há grande quantidade de informações sobre isso — livros que têm mais de três mil anos. E, acima de tudo, eu próprio tive essa experiência.

Em sua autobiografia, *Kundalini*, o senhor fala sobre o despertar da energia cósmica. Foi o prana que se movimentou em seu corpo?

Exatamente. O que se põe em ação é a energia psíquica. Como é possível modificar o corpo e o cérebro, incluindo o sistema nervoso, a não ser que haja uma transformação interior? Não é possível realizar essa transformação por outros meios. Tem de vir de dentro.

Como é essa transformação?

O processo transformador posto em movimento pela Kundalini corresponde à elevação dos processos metabólicos que vemos na criança. Isso foi corretamente chamado de renascimento por quase todas as religiões do mundo, inclusive pelo cristianismo. O próprio Cristo refere-se a isso.

Mas, quando as escrituras falam em "renascimento" — especialmente as escrituras cristãs —, sempre pensamos que se trata apenas de uma transformação na personalidade ou de uma mudança de atitude, uma espécie de despertar dos nossos instintos espirituais.

Mesmo o despertar do instinto espiritual precisa de certa espécie de estímulo ou de uma mudança do cérebro.

Cada tipo de desenvolvimento mental necessita de um trabalho árduo e persistente. O que quero dizer é que quando um homem deseja tornar-se pintor, ele tem de ser aprendiz ou aluno de algum pintor. Deve aprender a arte e praticá-la todos os dias, com atenção; o processo é o mesmo em toda profissão, em qualquer sistema de educação. Acha o senhor que, se o avanço em conhecimentos comuns e banais precisa de cuidadosa atenção e de estudo durante anos, uma nova consciência pode desenvolver-se como por arte mágica, ou por algum mantra ou encantamento? Seria ridículo supor a existência, na natureza, de semelhante paradoxo: que, enquanto para coisas menores deve haver estudo, luta e trabalho durante anos, para o propósito de transformar nossa consciência basta dar um salto apenas, e tudo será conseguido imediatamente?

Bem, houve alguns místicos cristãos, mesmo São Paulo, que parece terem tido essa transformação quase que da noite para o dia. Como se pode explicar isso?

Se estudarmos suas vidas, veremos que foram vidas de dedicação, de fé, de serviço missionário e de outras ações nobres e altruísticas.

E quanto a São Paulo?

Mesmo no caso de São Paulo tais fatores deveriam estar operando, se estudarmos cuidadosamente a sua vida. Pelas suas epístolas, e pela sua capacidade de organização, vemos que se tratava de um homem de excepcional talento. Como dissemos, essa energia evolutiva está levando o homem, passo a passo, rumo a estados superiores de consciência. No curso de sua jornada, ele se torna intelectual, esteta, talentoso, um gênio e, finalmente, um homem iluminado.

Podemos presumir que, para alguém que já alcançou o estado de gênio, ou de talento excepcional, ou de extraordinário desenvolvimento intelectual, exista apenas um passo entre ele e o próximo estágio superior de consciência. Em tais casos, a consciência universal ou a visão da Divindade pode ocorrer sem muito trabalho. Vemos isso acontecendo mesmo no caso de Einstein. Pelo que ele escreve, é evidente que teve algum tipo de experiência mística.

Sem falar em Einstein, examinemos o Dr. Maurice Buck, Tennyson, Wordsworth, e tantos outros pensadores, filósofos, astrônomos, poetas, inclusive Platão. Embora não se submetessem a qualquer disciplina particular, eles tiveram a experiência, e essa experiência deixou marca indelével em suas mentes. Seus escritos e confissões revelam isso, claramente.

Temos de admitir que a experiência mística, ou Consciência Cósmica, não pode ser desenvolvida apenas pelo esforço, mas também pode acontecer de modo espontâneo. Isso concorda inteiramente com a minha opinião: a de que existe um "mecanismo" chamado Kundalini, que está levando toda a humanidade para um estado superior de consciência, e a de que todos os profetas e místicos conhecidos da história tiveram esse seu "mecanismo" em atividade desde o nascimento. E, também, que esse mecanismo está em atividade no caso dos homens de gênio e de extraordinário talento intelectual.

O senhor diz que esse mecanismo chama-se Kundalini. Trata-se de uma palavra hindu?

Kundalini significa "enrolada em espiral", palavra sânscrita para designar uma força que normalmente fica latente ou adormecida mas que com certos exercícios e disciplinas pode

ser ativada e levada a agir como se fosse uma mola quando é solta.

Outros autores que se dedicaram a esse assunto disseram que "enrolada em espiral" também se refere, metaforicamente, a uma cobra ou serpente.

Sim, a Kundalini é como uma serpente. Acredito que essa referência à serpente seja muito antiga, e pode ser encontrada mesmo na era neolítica, porque o símbolo universal comum, cultuado em toda parte, é o da serpente e o do sol.

O museu local, aqui em Srinagar, tem dezenas de antigas estátuas de pedra de vários deuses e deusas, e em quase todas veem-se serpentes entrelaçadas.

Sim, sim. Agora, por exemplo, se vemos uma representação do Senhor Shiva, veremos uma cobra em torno do seu pescoço, outra em torno do seu cabelo. Se vemos uma representação do Senhor Vishnu, veremos que ele está dançando sobre a cabeça de uma cobra, ou sentado na posição de lótus sobre uma cobra que flutua num oceano de leite. Bem, esse oceano de leite é a energia nervosa do corpo, que conhecemos apenas como energia sexual.

Pode falar mais sobre isso?

Nosso corpo está todo repleto de uma essência bioquímica muito fina, que eu chamo de prana biológico. Esse prana tem dois aspectos: o universal e o individual. No aspecto individual, é composto dos mais sutis elementos. Eu diria alguma radiação dos vários elementos de um nível subatômico. Esse prana está concentrado na energia sexual. Normalmente, a energia sexual é usada para fins de procriação, mas a natureza destinou-a, também, para fins de evolução.

Todos conhecemos muito bem a palavra sublimação — ou refinamento, purificação. A maioria das pessoas acredita que o talento artístico depende da sublimação da energia sexual. Mesmo psicólogos como Freud e Jung atribuem-na à libido. Ora, libido é energia sexual, energia de vida, em outras palavras. Assim, de acordo com a opinião dos que acreditam na Kundalini — segundo a opinião dos antigos mestres —, o sistema reprodutor humano funciona de duas maneiras, ambas como mecanismo evolutivo e reprodutor. Como mecanismo evolutivo, ele envia para o cérebro um fino fluxo de energia nervosa muito potente, e outro para as regiões sexuais, a causa da reprodução.

Com o despertar da Kundalini queremos nos referir à reversão do sistema reprodutor e ao seu funcionamento mais como mecanismo de evolução do que de reprodução.

É por esse motivo que muitas religiões recomendam o celibato?

Deve haver alguma razão convincente para isso. Veja: não estamos tão familiarizados com a Kundalini, e porque o assunto nunca foi estudado seriamente nos tempos modernos é que levamos muito tempo para aceitar a ideia. A não ser que a energia sexual seja de certa forma necessária para disciplinas espirituais, por que um profeta, ou um santo, ou outro mestre espiritual qualquer iria recomendar o celibato como uma forma para se chegar a Deus?

Para conservar a energia?

Sim. O que significa que a energia é usada. A não ser que a energia seja usada, que necessidade há de conservá-la? Deveria ser indiferente o fato de ela ser usada para atos sexuais ou de qualquer outra forma. A não ser que isso tenha um efeito direto para levar a estados superiores de consciência, por que algum mestre espiritual recomendaria o celibato?

No Ocidente, sempre associamos as atividades sexuais, pelo menos no passado, com imoralidade. Não tínhamos ideia de que a energia sexual pudesse ter outro uso.

Bem, às vezes essa ideia parece ser muito cômica e às vezes muito trágica. Eu não saberia como qualificar a estrutura mental de alguém que chame de pecado ao ato sexual quando deve sua existência a esse ato.

Mas o que nos ensinaram, pelo menos até as últimas décadas, foi que isso é mesmo verdade; e que o sexo não deveria absolutamente ser usado para nenhum outro propósito, especialmente em se tratando de favorecer nossos desejos sensuais — mas só para o processo de reprodução, e ponto final.

Mesmo admitindo isso, será que o Criador, ou Deus, teria uma inteligência tão limitada a ponto de construir o homem de tal forma que o desejo sexual seja o mais tremendo impulso nele, acompanhado de tão intenso prazer, e depois decretar que o homem não deve tocá-lo?

Isso não faz sentido, mas, em religião, jamais nos permitiram pensar que isso devesse fazer sentido.

Há um poeta persa que disse: "Oh Senhor, amarraste-me a uma prancha e lançaste-me a uma violenta correnteza, e agora dizes: não molhes tua roupa". Uma impossibilidade! Ter essa imagem do Criador — atribuir-lhe tão estreita mentalidade e carência de visão — só o fazemos porque nosso próprio intelecto é limitado e estreito.

Sei que Isaac Newton, um dos maiores gênios da história, foi celibatário durante toda a sua vida. Como o senhor explica isso?

O senhor sabe que a completa superação do desejo sexual é considerado o ponto supremo da perfeição para aqueles que lutam pela realização de Deus. Isso, na verdade, é um grande sofisma. Em alguns casos de místicos natos, o desejo sexual esteve ausente desde o nascimento. Esse pode ter sido o caso de um gênio como Newton. Como a reprodução é um mandato da natureza para a continuidade da raça — e a propagação de mentes iluminadas e de gênios é tão necessária como a propagação da massa comum da humanidade, e até mesmo mais necessária, pois a propagação das últimas duas categorias do homem realiza também o propósito da evolução —, é fácil inferir que a ausência do apetite sexual em alguém dotado de gênio, ou propenso à experiência mística, não pode estar em harmonia com o princípio da propagação ou com a continuidade da evolução. Portanto, essa ausência não pode ser considerada estado normal ou saudável do corpo ou da mente.

Na realidade, a ausência do desejo sexual em qualquer dessas duas categorias tem outra desvantagem ainda, pois não deixa resíduos de energia reprodutora vital no corpo para enfrentar emergências ou crises que possam ocorrer no sistema psicofisiológico dos indivíduos em questão. Já que o sistema nervoso mais sensível e mais altamente desenvolvido dos indivíduos dessas categorias estão mais propensos a crises, nas fadigas e tempestades da vida, segue-se que a ausência de uma reserva para compensar os efeitos dessas pressões deixa-os, por assim dizer, à mercê das condições adversas e das forças que eles têm de enfrentar de vez em quando.

A maior incidência de aberração mental em homens e mulheres dessas classes, muitas vezes é devida a essa deficiência de uma reserva vital para repelir pressões e assegurar uma atitude sã e sóbria da mente, resultante da condição pura e saudável da potente energia de vida que alimenta o cérebro superior. Explicarei isso mais longamente em meus livros.

Um livro assim será muito procurado, tenho certeza, mas, mesmo agora, cada vez mais pessoas estão se tornando interessadas no empenho pela iluminação, e a forma ideal de vida a ser vivida é um tópico sempre crescente de discussão. O regime alimentar sempre é mencionado, mas nunca chega a provocar a controvérsia causada pelo sexo. Pode falar um pouco mais sobre isso?

Considerando o fato de que todo o cosmos, desde o átomo até as nebulosas, é rigidamente governado por leis invioláveis, seria irracional supor que, no passado, alguns homens encontraram o caminho para a expansão espiritual por

Gopi Krishna (yogi)

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre

Texto traduzido do inglês para o português através de tradutor eletrônico.



Pandit Gopi Krishna (30 de maio de 1903 - 1984) da Índia, foi um yogi , místico, professor, reformador social e escritor. Sua autobiografia é conhecida sob o título *Kundalini: A Energia Evolutiva no homem*.

Início da vida

Gopi Krishna nasceu em 1903, perto da cidade de Srinagar, no Estado de Jammu e Caxemira, no norte da Índia. Ele passou seus primeiros anos lá e depois, em Lahore, no Punjab da Índia britânica. Com a idade de vinte anos, ele voltou para Caxemira. Durante os anos seguintes, ele garantiu um lugar no governo do estado, casou e constituiu família. No início de sua carreira, ele se tornou o líder de uma organização social que se dedicava a ajudar os menos favorecidos em sua comunidade, especialmente no que diz respeito às questões relativas ao bem-estar e os direitos das mulheres.

Carreira

Em 1967, ele publicou seu primeiro livro importante na Índia, *Kundalini — A energia evolutiva no homem* (atualmente disponível sob o título *Vivendo com Kundalini*). Pouco tempo depois o livro foi publicado na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, e desde então tem aparecido em outras onze línguas principais. Nesse livro ele relata o fenômeno vigoroso que é o despertar da energia Kundalini.

Com a idade de 34 anos, enquanto meditava numa manhã, ele relatou ter experimentado o despertar súbito e forte da

Kundalini. Em *Kundalini: A energia evolutiva no homem*, ele descreve o que aconteceu:

"A iluminação cresceu mais e mais brilhante, o rugido mais alto, eu experimentei uma sensação de balanço e, em seguida, me senti escorregar para fora do meu corpo, inteiramente envolto em um halo de luz... Eu me senti o ponto de consciência que eu estava crescendo mais amplo, rodeado por ondas de luz... Eu estava agora toda a consciência, sem qualquer esboço, sem qualquer ideia de um apêndice corporal, sem qualquer sentimento ou sensação proveniente dos sentidos, imerso em um mar de luz simultaneamente consciente de cada ponto, espalhar-se, por assim dizer, em todas as direções, sem qualquer obstrução de barreira ou material... banhado em luz e em um estado de exaltação e felicidade impossível de descrever."

A experiência de Gopi Krishna alterou radicalmente o caminho de sua vida. Ele passou a acreditar que o cérebro humano estava evoluindo e que essa profunda experiência mística de um indivíduo era um prenúncio do que viria a ser uma transformação onipresente na consciência humana. A experiência inicial de Gopi Krishna desencadeou um processo de transformação que durou 12 anos. Durante esse tempo, as sensações de luz, esplendor e alegria alternaram com sensações de fogo, calor insuportável e sombria depressão.

Antes de sua morte, em 1984, com a idade de 81 anos, Gopi Krishna escreveu dezessete livros sobre a Consciência Superior - três deles totalmente em verso. Ele creditou essa saída não a seus próprios esforços, mas a inspiração de uma fonte superior.

Um dos fatos pouco conhecidos sobre a vida de Gopi Krishna é que ele era um defensor dos direitos das mulheres. Colocando isso no contexto histórico e cultural mostra como era extraordinária sua dedicação a esta causa. Em 1930, passado menos de dez anos desde que as mulheres tinham ganhado o voto e a grande maioria das mulheres no mundo ainda eram consideradas bens móveis. Na Índia as condições para as mulheres eram ainda piores, e um homem fazendo campanha publicamente pelos direitos das mulheres foi considerado caso inédito.

Gopi Krishna foi relatado para ser um defensor para a igualdade entre homens e mulheres. Ele agiu e em um ponto acabou preso por suas ações. Uma de suas contribuições mais abrangentes foi melhorar as condições para as viúvas. Naquela época, as viúvas eram obrigadas a viver com parentes ou em

era terrível, especialmente se ela não tinha filhos crescidos para ajudá-la ou protegê-la. O costume de sati (jogar-se na pira funerária do marido), ainda era praticado, especialmente em áreas remotas.

Junto com seus esforços humanitários, Gopi Krishna escreveu livros em prosa e verso. Mas o seu principal impulso ao longo dos anos era escrever sobre a experiência mística e da evolução da consciência a partir de um ponto de vista científico - que não é suposto ser um mecanismo biológico do corpo humano, conhecido desde os tempos antigos na Índia como Kundalini, que é responsável pela criatividade, genialidade, habilidade psíquica, a experiência religiosa e mística, bem como alguns tipos de doença mental aberrante.

Onde comprar os livros de Gopi Krishna:
<http://www.estantevirtual.com.br/qau/gopi-krishna>

Este livro foi digitalizado em agosto de 2014.